

Juventude Católico-Carismática: mudança de sentido, música e religião em ambientes urbano-eletrônicos

*Catholic Charismatic Youth
meaning change, music and religion in urban
electronic environments*

Emerson José Sena da Silveira

Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

emerson.pesquisa@gmail.com

Resumo

Novos mecanismos de recomposição da memória religiosa católica operam na vivência dessa juventude e multiplicam-se as redes hedonistas que a sustenta no âmbito do catolicismo carismático. No cenário contemporâneo, a vivência religiosa se dá pela mobilidade de corpos, símbolos e festas, provocando fenômenos que articulam simultaneamente perspectivas culturais seculares e religiosas. Dessa constatação, emerge uma pergunta: na modernidade tardia, como a juventude carismática, expressa sua identidade, crenças e práticas no circuito urbano/eletrônico? Os jovens carismáticos, através de deslocamentos, da relação com bandas e com músicas na internet, reconfiguram a adesão ao catolicismo que passa a ocorrer a partir e por meio de experiências emotivas. A filiação religiosa católica estava centrada no sentido “forte” da razão dogmático-racional deslocou-se para o sentido “forte” da experiência estético-afetiva. Para ilustrar essas mutações, descrevo, ainda que de forma sintética, a inter-relação espetáculos musicais, juventude e internet. Por meio de observação de campo, com revisão bibliográfica parcial, foram pesquisados dois grupos de jovens que se reuniram para participar de dois festivais de música católico-carismática, o primeiro em Juiz de Fora (MG) e o segundo em Franca (São Paulo). Partindo das reflexões de Bauman, Hervieu-Léger, Maffesoli, Sanchis, Mariz e outros, este artigo argumenta que mídias eletrônicas e festas religiosas são indissociáveis na construção da identidade jovem carismático-católica.

Palavras-Chave: Juventude carismática. Modernidade Tardia. Festas. Hedonismo.

Abstract

In the contemporary world, the religious experience occurs through body mobility, symbols and parties causing phenomena that link secular cultural perspectives and religious ones simultaneously. Religious institutions and rational dogmas no longer determine the religious belief and practice, which turned out to be conducted by emotions, hedonistic fruitions and individual choices. On the other hand, these social and cultural changes have influenced

the religiously committed young people including the Catholics. Thus, new mechanisms of Catholic religious memory renewal started to remain in force in the experience of charismatic Catholic youth. From this statement, a question comes up: in the late modernity, how does the charismatic youth express the identity, beliefs and practices in the urban/electronic circle? Through changes in the relationship with bands and music on the internet, the charismatic young people rebuild the affiliation to Catholicism, which starts to take place from and through emotional experiences. The Catholic religious affiliation used to be centered on the “strong” meaning of rational dogmatic reason and it moved to the “strong” meaning of the affective aesthetic experience. In order to illustrate these changings, it is described, even being in a synthetic way, the interrelation among musical concerts, youth and internet. From field observation, having partial bibliographic review, we have researched two young groups that got together to participate in two charismatic Catholic festivals, the first in Juiz de Fora (MG) and the second in Franca (São Paulo). Based on the reflexions of Bauman, Hervieu-Léger, Maffesoli, Sanchis, Mariz about affiliation, religious modernity, identity and other ideas, it is argued that electronic media and religious parties are inseparable on the construction of the Catholic charismatic youth identity.

Key words: Charismatic youth. Late modernity. Parties. Hedonism.

Introdução

Na emergência do urbano moderno, multiplicaram-se os círculos sociais concatenados, justapostos ou híbridos, exigindo dos indivíduos não mais uma participação total de sua personalidade na interação face-a-face, mas participações em redes e linguagens múltiplas. No contexto da crescente criação de espaços heterogêneos nas cidades, a “experiência religiosa na modernidade, tende a ser uma experiência emocional, ligada ao *sentimento*, ao *corpo* e à *subjetividade*”.¹ Constituem-se circuitos de mobilidade nos quais os fiéis e suas subjetividades, suas formas de manifestar, dançar e cantar, estão co-conjugadas com o espetáculo, o mercado e o consumo.²

Junto a esse cenário coincide, ocorre a fadiga dos grandes mecanismos sociais institucionalizados, como a família hetero-normativa, a igreja e o partido políticos. O vínculo entre religiosidade e espiritualidade transforma-se na modernidade tardia o universo da herança e da tradição é reinterpretado, entrando cada vez mais no âmbito da escolha, da emoção e da *experimentação* a partir dos indivíduos, por um lado, mas também, a partir dos coletivos nos quais esses indivíduos estão inseridos, mesmo que provisória e fragilmente (GIDDENS, 1991; 2002; HERVIEU-LÉGER, 2008).

¹ Oro (1996, p. 61-70).

² Ver a discussão de circuito jovem urbano feita e de circuito, feita por Magnani (2005, 1999).

As religiões tradicionais, entre elas o catolicismo, estruturadas ao longo dos pesados sedimentos históricos, enfrentam uma crescente dificuldade para manter seus adeptos num sistema de crenças e práticas religiosas. A afinidade da racionalização com o elemento místico-mágico na modernidade tardia, levou as fronteiras historicamente construídas como entre consumo/espetáculo/identidade religiosa entre outras categorias do campo religioso institucional estabelecido, a se tornarem porosas. Assim, em ambientes urbanos, evidencia-se a erosão da experiência como continuidade orgânica e ontológica de um passado,³ explicitando o problema da continuidade institucional da experiência religiosa, perpassada pelo consumo hedonista imaginativo (CAMPBELL, 2001).

Com isso, há emergência de um “hedonismo espiritual”, em que a mobilidade de grupos, entre os quais os de jovens carismáticos-católicos para comparecer a festas e eventos no meio urbano e de uma prática em que consumo, vivência religiosa e prazer estético regulado entrecruzam-se (CAMPBELL, 2001). Na geometria da arquitetura urbana, eventos, como os festivais de música católica, impõem uma “desfronteirização” simbólica, alargando o sentido da memória religiosa rumo a mixagens e entrecruzamentos entre a moderna cultura de consumo e a dogmática religiosa (MAGNANI, 2005). Como os grupos jovens católicos, em especial, os ligados ao movimento carismático, estão situados nesse cenário de intersecções entre religião, consumo, prazer e espetáculo que ocorre na modernidade tardia? O conceito é complexo e envolve muitas questões como secularização, racionalidade instrumental, modo de produção/consumo capitalista, fetiche da mercadoria, novas concepções de sujeito e subjetividade, espetáculo e novas mídias e redes.

O artigo se embasará na definição de Giddens (1991; 2002) sobre modernidade tardia e seus desdobramentos: um modo político-cultural-econômico, inaugurado pelo sistema capitalista, que se expandiu por todo o mundo e que está assentado sobre a produção de mercadoria e espetáculo (tudo, inclusive a religião, torna-se mercadoria e espetáculo). Na modernidade tardia, a reflexividade, a aceleração tecnológica, a produção de sistemas peritos (esferas de valor, especialização, ciência), o afeto como ponto de partida da busca de veracidade, e outros, produzem uma intensa mutação nas subjetividades (insegurança existencial, ambivalência), reconfigurando o sujeito,

³ Assim define Carvalho (1992, p. 135).

esfacelando as pequenas comunidades a demolindo a autoevidência a naturalidade das tradições religiosas.

Como hipótese, o artigo defende que os jovens carismáticos, através de deslocamentos para festas e eventos, da relação com bandas e com músicas na internet, reconfiguraram sua adesão ao catolicismo que passa a ocorrer por meio de experiências emotivas. Para ilustrar essas mutações, descrevo, de forma sintética, a inter-relação espetáculos musicais, juventude e ambiente urbano-eletrônico. A partir de observação de campo⁴, com revisão bibliográfica parcial, apresento dois grupos de jovens oriundos de Americana (São Paulo) e Juiz de Fora (Minas Gerais). Ao observar os jovens, argumento que a religiosidade carismática se liga, indissolúvelmente, a uma tensão entre consumo, hedonismo e vivência religiosa.

Partindo das reflexões de Bauman (1997), Hervieu-Léger (2008), Maffesoli (2001), Sanchis (1995), Mariz (2003), Camurça (2009; 2009 b; 2015), Magnani (1999; 2005), Domingues (2003), Sofiati (2012), Giddens (1991; 2002), Recuero (2003), Jungblut (2007) e outros, sobre modernidade, juventude, catolicismo, carismáticos, memória, modernidade e redes. Por fim, este artigo argumenta que mídias eletrônicas e festas religiosas são elementos contemporâneos indissociáveis na construção da identidade jovem carismático-católica.

O catolicismo carismático e os trânsitos religiosos

Ao longo do século XX, movimentos como Focolares, Ação Católica, Renovação Carismática Católica, irradiando-se de seus *locus* de origem, internacionalizaram-se em distintas direções, atingindo segmentos e camadas sociais específicos, assim como distintos recortes geracionais (CARRANZA, 2000; SILVEIRA, 2014). O comportamento moralista-ortodoxo e a experiência mística pautaram esses movimentos, em especial a juventude carismática. (SOFIATI, 2012).

⁴ A observação de campo e as entrevistas foram realizadas em 2008, 2009, 2010. Os eventos são anuais. O de Juiz de Fora ocorre durante o Carnaval (fevereiro/março), o de Franca, em setembro. Em 2016, realizei apenas observação de campo. Os grupos, salvo algumas exceções, mantiveram a formação até 2010. O perfil etário dos dois grupos variou entre 18 e 25 anos. Os nomes usados neste texto são fictícios, a pedido dos entrevistados(as). Os dados foram revistos e atualizados em meado de 2017.

O percurso do movimento católico da renovação carismática que, nascido em 1967, em universidades católicas norte-americanas a partir de experiências com grupos ligados ao pentecostalismo clássico, oscilou entre a ênfase em uma experiência mística-extática (busca dos dons do Espírito Santo) e o diálogo ecumênico, por um lado, e, por outro, em uma moralidade restritivo-conservadora e o fechamento ensimesmado (CARRANZA, 2000; STEIL, 2004). A expansão pelo mundo e para o Brasil se dão logo em seguida. Os circuitos de condução dessa experiência baseavam-se em leigos e sacerdotes católicos com algum tipo de vivência em movimentos de renovação interna como os cursilhos de cristandade.

Em 1969/1970 de alguns sacerdotes em Campinas (SP) passou, em cinquenta anos de existência, a milhares de grupos de reunião, milhões de adeptos, práticas e estruturas diversificadas, que vão desde as associações de leigos reconhecidas pelo direito canônico e civil nas dioceses, às comunidades de vida e aliança, passando pelos ministérios ou grupos organizativo-mobilizadores temáticos (Comunicação Social, Cura e libertação, Música e Artes, Jovem, Formação, pregação, promoção humana, para família, seminaristas, Cristo Sacerdote, Para as Religiosas, Universidades, Para as crianças, Fé e política).⁵ (CARRANZA, 2000; SOFIATI, 2012). A Renovação Carismática Católica (RCC) responderia às novas configurações do religioso na modernidade tardia ao constituir um mito de origem que avaliza as experiências subjetivas empreendidas pelo jovem fiel católico – Pentecostes – a partir do qual se postula a vivência do chamado “batismo no Espírito”. Há uma redefinição semântica dentro da qual opta-se por valores morais e religiosos diferentes de sua trajetória anterior, por exemplo, fidelidade matrimonial e frequência assídua aos sacramentos (CARRANZA, 2000; SOFIATI, 2012).

Por outro lado, a forma de se expressar da RCC, seria um modo de integrar-se à organização mais ampla da Igreja, por ser uma prática religiosa de origem pentecostal, em que corpo, emoção e opção individual estão conjugados, tornando-se um *borderline* (linha da borda, risco constante) para a instituição católica (MARIZ, 2003). A RCC produz uma espécie de mimese da própria estrutura da Igreja em seu modo de

⁵ Conferir a estrutura atual no Portal da Renovação carismática católica: <http://www.rccbrasil.org.br/>, acesso: 15/06/2017.

constituir-se, decorrência da pretensão do movimento de levar à Igreja Real a Ideal, e não ser apenas mais um movimento (MARIZ, 2003).

Ocorre uma pluralização de práticas religiosas: grupos de oração (unidade mínima) cujos membros reúnem-se semanalmente para cantar, orar e ouvir um trecho bíblico lido e comentado; comunidades leigas, oriundas da RCC, chamadas de comunidades de vida e aliança, que podem ter um regime de dedicação integral (morando e vivendo em tempo integral) ou parcial (atividades realizadas na e em nome da comunidade) dos integrantes leigos, mas geralmente combinando os dois tipos de dedicação (MARIZ, 2003). Essas estruturas reúnem padres, religiosos celibatários, leigos, homens e mulheres (jovens, solteiros, casados) residindo ou participando de atividades da comunidade. Dizem-se escolhidos por Deus para viverem uma “vida no Espírito”, ou seja, para entregarem-se cotidiana e exclusivamente à ação direta do Espírito de Deus na condução da vida diária, manifesta por fenômenos espirituais (mística), e dedicando-se à missão evangélica para salvação do mundo (ascetismo) (OLIVEIRA, 2004).

Ao empreender sua prática, o católico-carismático insere-a numa tensão entre o reforço da identidade pelo reavivamento da tradição e a própria experimentação afetivo-existencial. É na modernidade tardia que se rompe o referencial protetor da pequena comunidade e da tradição, substituindo-as por organizações muito maiores e impessoais (GIDDENS, 2002, p. 38). Por isso os grupos de oração e as comunidades de vida tornam-se estruturas artificiais de fabricação de segurança ontológica.

A fruição emotiva de buscar a fé, indo a festivais, ouvindo músicas, dançando, louvando, etc., torna-se fiduciária da instituição e dos sinais da tradição, mas esses sinais, achados a partir de uma experiência vivencial e emotiva, estão codificados e precisam ser interpretados. Por outro lado, no campo religioso católico-carismático, a música torna-se a possibilidade de conjugar emoção, consumo e processo de construção de identidade dos jovens. Essa fidúcia é a concreta possibilidade, sempre incerta no fim das contas, de conter possíveis desvios da aceleração dos processos de experimentar, deixados agora com os sujeitos (CAMURÇA, 2009; 2009 b). Basta olhar o poder de mobilização das comunidades, das bandas, das músicas e dos festivais e enxergar a força de um desejo, por parte de alguns analistas, de submissão voluntária, ou de produção de corporeidades dóceis, por parte de outros.

No Brasil, as maiores comunidades são a Shalom (Fortaleza) e a Canção Nova (Cachoeira Paulista).⁶ Primeiro, por serem centros de formação, divulgação e serviços diversos, incluindo evangelização, atendimentos de adictos, festas, eventos voltados para públicos específicos (músicos, casais leigos, catequistas). Publicam livros e outros documentos a respeito dessas atividades, promovem encontros em outras cidades, entre os quais festivais de música, bem como atendem a convites vindos da RCC de outras cidades ou de outras comunidades para realizarem encontros e cursos para músicos.

Nas grandes comunidades, essa pluralidade de atividades é institucionalizada, segmentada e vai agregando um corpo de funcionários na medida em que as estruturas tradicionais têm que modernizar para acompanhar sua expansão: uso dos meios de comunicação, como TV, Portais Interativos na Internet; Faculdades; práticas que se estendem desde encontros de cura e acampamentos correlatos, a bandas de músicas, teatros e outros. (CAMURÇA, 2015; 2013).

Nos grupos de oração, estrutura básica do movimento, há o “ministério de música”, equipe responsável cantar e animar a reunião, as atividades musicais ficam geralmente a cargo de jovens adeptos que animam os encontros com vilões, guitarras, e instrumentos de percussão, seguidas de órgãos eletrônicos (CARRANZA, 2000; SILVEIRA, 2014). Esses jovens, a partir dos espaços midiáticos, como as TVs e Rádios católico-carismáticos, estabelecem contato com comunidades, eventos e outras atividades, num processo mimético retroalimentador, ou seja, os jovens perambulam, simultaneamente entre festivais, festas, eventos, sites de bandas, redes sociais, onde

⁶ A Comunidade Shalom, inaugurada por um grupo leigo de jovens, em 1982, em Fortaleza (Ceará) está presente em muitas dioceses no Brasil e no exterior. Desde 1984, realizam o Festival de Músicas Católicas Shalom. O site dessa comunidade diz que Moisés Louro de Azevedo Filho, ex-universitário e fundador da comunidade, escreveu as Regras da Comunidade animado pelo Pe. Jonas Abib, fundador da Comunidade Canção Nova (São Paulo). No Brasil, há filiais em mais de 30 municípios, de norte a sul. Fora do Brasil está presente em: Aisefia, Haifa e Nazaré (Israel); Argel (Argélia); Bournemouth e Londres (Inglaterra); Braga (Portugal); Avignon, Toulon e La Garde (França); Lugano (Suíça); Montevidéu (Uruguai); Roma (Itália); Santiago (Chile); Sfix (Tunísia) e Toronto (Canadá). Existem centenas de membros, entre padres, religioso (a)s, casais e solteiros. Dispõem de rádios, blogs, centros de formação, entre outras estruturas. Dados extraídos do Portal Multimídia: www.comshalom.org/po/. Já a comunidade Canção Nova, foi inaugurada em 1978, com 12 pessoas, liderada pelo Padre Jonas Abib. Os últimos dados indicam 600 membros em sua sede, na cidade de Cachoeira Paulista (SP), e em suas filiais. Possui mais de trinta casas-filiais de missão, dispostas em todos os estados brasileiros, na Itália, França, Portugal, EUA e Israel. Sua principal missão é a evangelização de jovens, através dos meios de comunicação social e de grandes retiros temáticos, promovidos em fins-de-semana e feriados, chamados Acampamentos de Oração. Dispõe de uma emissora de Rádio (Rádio Canção Nova); de uma emissora de TV (TV Canção Nova), com programação ininterrupta e com retransmissoras em todo o país, podendo ainda ser sintonizada na Europa Ocidental, África do Norte e Oriente Médio, através do sistema de satélites e TVs a cabo; e de um portal eletrônico que abriga a Web-Tv, blogs dos fundadores da comunidade, de padres carismáticos, lojas virtuais etc. Dados extraídos de Oliveira (2015).

trocam impressões, deixam recados, combinam visitas, formam grupos e uma vasta gama de atividades que incluem também o consumo de CDs e DVDs das bandas católicas, partilha de músicas, entre outros (OLIVEIRA, 2015; SILVEIRA 2016).

As vivências religiosas dos católico-carismáticos têm repercutido para além do *locus* social de origem, abrindo-se a constantes hibridismos de linguagem, como os espaços midiáticos (Internet, TV e rádio), principalmente os meios digitais, que fomentam a convergência midiática, ou seja, a alocação em uma mesma plataforma, a tela do computador ou do celular, das mídias tradicionais e de massa (CAMURÇA, 2009 b). Esses mecanismos expandem-se especialmente entre os jovens e possibilitam àqueles ligados a práticas religiosas católico-carismáticas a formar grupos de fãs, inclusive grupos virtuais, *blogs* de jovens adeptos etc. Além de divulgarem, esses meios mantêm as bandas, as músicas, as festas e os eventos, promovendo ainda a venda de *souvenirs* e outros produtos (CARRANZA 2000).

Há ainda as redes sociais, como o *Facebook*⁷ e o *MySpace*,⁸ todos criados entre 2003 e 2004, multilíngues, crescendo e agrupando milhões de usuários, especialmente jovens das médias e grandes cidades. Esses espaços digitais de trocas, combinações e correspondências acabam, inclusive, criando coalizões de vontades e grupos. Muitas bandas e grupos de jovens, adeptos efetivos ou “afetivos” do movimento carismático católico, navegam por essas redes, estabelecem contato entre si, divulgam festas, eventos, trabalhos, álbuns musicais, fotografias de ventos, mandam e recebem recados e, se são fãs de bandas católicas, leem e trocam ideias, contatos, *e-mails*, comentam desde detalhes das letras ao visual dos músicos (SILVEIRA, 2014).

Há uma ampla e complexa rede de trocas que se relaciona de diversos modos com os territórios abertos pelos festivais de música católica nas cidades. Nas redes sociais, comentam, recomendam e divulgam-se bandas de músicas, críticas, elogios, antes e após a realização dos festivais, criando um circuito de expansão e de produção da identidade jovem católico-carismática (SILVEIRA, 2014). Completando esse

⁷ Rede social lançada em fevereiro de 2004 por Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz, Eduardo Saverin e Chris Hughes, ex-estudantes da Universidade Harvard. Os usuários contam-se aos bilhões, com vasta penetração na sociedade brasileira.

⁸ *MySpace*: criada em 2003, é um serviço de rede social que utiliza a Internet para comunicação *online* através de uma rede interativa de fotos, *blogs* e perfis de usuário. Foi uma rede social muito popular nos Estados Unidos e do mundo, com mais de 150 milhões de usuários, mas perdeu terreno para outras redes. A sua habilidade de hospedar áudios fez com que muitas bandas e músicos, entre os quais músicos católico-carismáticos, procurassem se registrar.

panorama, os *blogs* católicos⁹ repercutem toda essa ambiência dos festivais nas cidades, mobilizando redes de grupos virtuais, laços de amizade e possibilidades de afinidade entre jovens que gostam das mesmas bandas e estilos de música.

Os eventos duram cerca de dois a quatro dias, com palestras, músicas, padres e leigos revezando-se no “palco-altar” dos espaços montados pelos organizadores, exposição do Santíssimo entre outros. Alguns desses eventos se expandem, como o *Halleluya*, carnaval fora de época (julho), ou micareta, que se tornou um megafestival de música iniciado pela comunidade Shalom, em Fortaleza, em 1997. Esses eventos costumam reunir milhares de participantes. Por exemplo, em 2006, promovido em parceria com a Comunidade Shalom, durante a Festa do Círio de Nazaré, em Belém, e editado em Aracaju, Salvador, São Luís, o Círio Musical atraiu um público estimado em 450.000 pessoas durante os cinco dias de festival¹⁰. (SILVEIRA, 2014).

Há festivais frequentes, como o Hosana Brasil, realizado em dezembro, na comunidade Canção Nova desde a primeira edição, em 2004, em Cachoeira Paulista, tido pelos organizadores como o maior acampamento, com mais de 100 mil pessoas em média (OLIVEIRA, 2015). Os grandes festivais de música católico-carismática dispõem estruturas de comunicação e de *sites* com completa integração entre canais, como Facebook e Youtube, além de estruturas de compartilhamento que permitem ao internauta publicar a página de convite do evento em sua página pessoal nas mais diversas redes sociais (OLIVEIRA, 2015).

Os festivais de música carismática se expandiram pelas cidades brasileiras a partir da forte atuação do movimento de origem, em São Paulo, onde está o maior número de grupos de oração e iniciativas ligadas à RCC (SILVEIRA, 2014). Os eventos estendem-se desde cidades como Cruzeiro, que realiza um dos “carnavais com Jesus” mais antigos do Brasil, conhecido como “Rebanhão”, até outras, como Sorocaba,

⁹ Um blog (contração do termo *WebLog* ou diário da web) é um site cuja estrutura permite a atualização rápida a partir de acréscimos dos chamados artigos ou posts. Estes são, em geral, organizados de forma cronológica, tendo como foco uma temática proposta, podendo ser escritos por um número variável de pessoas, de acordo com a orientação do blog. A evolução das ferramentas que facilitam a produção e o processo de publicação, ajudou a popularizar o formato. A maioria dos blogs são textuais, embora haja blogs temáticos (vídeos, música ou áudio), formando uma ampla rede de mídias sociais. Em dezembro de 2015, estimou-se 132 milhões de blogs.

¹⁰ Há um vídeo institucional de divulgação do festival de 2011: <http://www.youtube.com/watch?v=qzcPCuW6tJo>. Nesse vídeo, é possível observar a estrutura do evento. O evento é organizado nos mesmos moldes dos grandes eventos de música, com vendas de bilhetes, bandas, etc. Para um breve panorama das cidades em que o festival se realiza em 2017: <http://www.festivalhalleluya.org/>. Acesso: 27/06/2017.

Campinas, Manaus, Fortaleza, Vitória, Osasco, Belo Horizonte para citar algumas que promovem eventos com bandas e festivais de música católico-carismáticas (SILVEIRA, 2014).

Desse conjunto de fatores, ministérios de música dos grupos de oração, comunidades, festas e eventos, emergiram as bandas de música: embora haja bandas de estilo Axé, Samba, Pagode, *Reaggae*, entre outras, as de maior sucesso são as que têm letra e estilo *rock and roll*. Entre as mais celebradas citam-se Beatrix, Anjos de Resgate e Rosa de Saron, fundadas em meados/fim da década de 1990 e início/meados dos anos 2000. Em virtude de suas letras semanticamente mais abertas, sem referências dogmáticas explícitas e do visual *bad boy ou new age*, com tatuagens e outros adereços e comportamentos, reúnem milhares de jovens, inclusive não católicos (SILVEIRA, 2014).

Mobilidades religiosas: as experiências dos jovens católico-carismáticos

Como disse na introdução, acompanhei, intermitentemente, dois grupos de jovens, participantes de dois festivais de música, realizados em Juiz de Fora (Minas Gerais) e Franca (São Paulo), cidades de médio porte (entre seiscentos e quatrocentos mil habitantes), com marcante setor industrial e de serviços, alta porcentagem de jovens, muitos grupos de oração e comunidades de vida e aliança carismáticas, diversidade religiosa (evangélicos pentecostais, afro-brasileiros, kardecistas).

O grupo mineiro, situado em um bairro popular da Zona Norte da cidade, antiga ocupação de moradores sem teto, em Juiz de Fora, com jovens na média de vinte anos, formara um ministério de música de um grupo de oração desde 2007. Compunha-se de cinco pessoas, duas mulheres e três homens, cuja banda ou ministério de música desfez-se quando a pesquisa foi realizada. O grupo contava com um estudante universitário, um eletricitista, uma balconista de loja e uma professora de ensino infantil. Os membros do grupo provinham de classes empobrecidas, cuja ascendência é afro-brasileira, exceto uma professora de ensino médio (branca). Como mantinham muitas atividades em diversos grupos, mesmo depois de a banda ser desfeita, podem ser considerados membros efetivos da RCC.

“Uma vez fiel, sempre fiel, uma vez que Jesus te cativou, para sempre cativo”, dizia o que parecia ser líder (Eduardo, estudante de administração em período noturno em uma faculdade particular e balconista de loja), já que era ele quem animava o grupo, distribuía as tarefas a serem feitas, combinava a ida aos grupos, aos eventos e à Canção Nova, entre outras atividades grupais. Todos têm perfil no Facebook, visitam *sites*, *blogs* católico-carismáticos e páginas de bandas no *MySpace* e *Youtube*. Costumam trocar mensagens e imagens entre si, via celular, com frequência, para se localizarem e produzirem estratégias de deslocamento conjunto no espaço urbano, especialmente quando vão a eventos e festas ligadas aos grupos de oração carismáticos.

No dizer de Renato: “a gente tem de lutar todo dia pra trabalhar e manter nosso sustento, mas não podemos deixar de girar na internet, senão a gente fica pra trás rapidinho. [...] Deus sempre dá um jeitinho de abrir espaço, pra nos abençoar, e aí a gente vai navegando no tempo que dá”. Saem juntos e, em todos esses anos de caminhada, tempo que designa a trajetória de experiências religiosas no movimento, foram a outros festivais de música e acompanharam excursões à Canção Nova. Nas épocas da pesquisa, eles iriam ao evento em Juiz de Fora que, ao contrário dos outros festivais, reuniu poucas bandas num único dia. Todas as bandas tinham no repertório *rock* de bandas católico-carismáticas, como *Rosa de Saron*, *Beatrix* e *The Flanders*, mas também algumas músicas próprias e sucessos dançantes ao estilo de samba e pagode.

Os eventos 2008, 2009, 2010 e 2016, foram realizados durante o *Oásis-Carnaval com Cristo*, um grande encontro anual, com pregações, missas e outros, com a participação de bandas locais/regionais¹¹. Em 2008, Ricardo, um dos colegas do grupo juiz-forano, sonhou com trombetas sobre a cidade. A partir desse sonho que foi comentado com o grupo musical, discerniram que Deus queria um evento, nos moldes dos que eram realizados pelas comunidades *Shalom* e Canção Nova. Daí o grupo juiz-forano mobilizou-se e tentou organizar o evento nos anos seguintes, mas não lograram êxito. A divulgação nos eventos de 2008, 2009 e 2010 foi feita com propaganda oral, nos grupos de oração de Juiz de Fora, para o qual os organizadores se deslocavam em duplas, ou sozinhos. Também foi feito um cartaz, fotocopiado e colocado em alguns locais, portas de colégios, postes e outros. Improvisando, não conseguiram trazer nomes

¹¹ Em 2017, o evento encurtou e na propaganda quase não havia referências à bandas de música. Disponível em: <http://www.rccjuizdefora.com.br/eventos/item/338-oasis-de-carnaval-2017.html>. Acesso em: 24/06/2017.

carismáticos mais importantes, já que, argumentaram, seria muito caro. Em 2016, o evento ocorreu em moldes artesanais, ao contrário do evento de Franca, bem estruturado, com financiamento e uma organização forte, mas com poucas bandas dessa vez.

Os eventos de Juiz de Fora tinham com o tema “Enchei-vos do Espírito Santo”, “Alegrai-nos no Espírito” e outros similares. As bandas conseguiram reunir duas centenas de pessoas, o que foi considerado bom, diante da frágil organização, ao contrário do festival *Hallel*, de Franca (2008, 2009, 2010 e 2016), divulgada em rádios católicas, em *sites* e sistematicamente pelas cidades da região e no Brasil via *sites* e outros instrumentos.¹²

Fica uma indagação: o que aproxima as deambulações bem como o espaço da festa e da cidade? No dizer de Pedro e de Flávio, respectivamente, e do grupo de Americana e do de Juiz de Fora:

Poxa, é como se o Espírito Santo me cegasse pra um tantão de atraso que tinha lá em Franca. Nem via direito como eu chegava lá, parecia que tinha uma mão me guiando e acabamos não indo nem pra *shoppings* de outros locais de diversão, de bebida, sabe qual é, né?

Olha, eu ficava atento a algumas coisas, na verdade Deus guia nossos passos e nossa visão. Temos de ter cuidado com a tentação do Encardido, pois no dia do evento, entrei no ônibus errado, confundi os nomes, fui parar num local longe e fiquei preocupado, mas era um bairro onde eu precisava fazer a divulgação, e o ponto final era em frente à igreja.

É a retórica da predisposição, a atitude se convencer de que é possível, naquele local, com aquelas pessoas e com aqueles recursos, experimentar cura, salvação e experiências catárticas, emotivas, uma espécie de comunidade emocional, no sentido em que Hervieu-Léger denomina (2008).

Mais jovem, com idades variando entre 18 e 23 anos, o grupo paulista, com quatro pessoas (três mulheres e um homem), começou a ser reunir em meados de 2008, a partir de uma troca de mensagens nas antigas redes sociais, sobre festivais e bandas carismáticas, entre os quais o festival anual de música católica da cidade de Franca, em

¹² Há grupos que se organizam via Facebook, como em 2016: <https://www.facebook.com/groups/1009454385776114/>. Acesso em: 23/06/2017.

setembro, denominado de *Hallel*.¹³ A interação do grupo manteve-se nas novas redes surgidas depois, como o Facebook. Estão na categoria de simpatizantes do movimento carismático. Nenhum deles se disse membro efetivo, mas “curtem” frequentar, gíria usada pela maioria da juventude brasileira. Entre eles havia uma estudante de biologia, um comerciário, duas estudantes de fisioterapia.

Embora da mesma cidade, não se conheciam pessoalmente antes do encontro, mas se avistavam nas redes sociais e tinham elementos em comum: de classe mais favorecida, seus pais são brancos e têm curso superior. Assíduos frequentadores de redes sociais, têm aparelhos celulares mais modernos, ligados às redes sociais, usam o *Twitter* e se comunicam com uma vasta rede de outros jovens com gostos similares, ligados ou não à RCC. Ao serem questionados sobre a média de pessoas, para cada um, com as quais mantinham contato em redes sociais eletrônicas, durante um mês, disseram entre 50 a 100 pessoas em média, enquanto os contatos mais permanentes eram em torno de 10 por mês.

Como os membros do grupo admiram outras bandas e artistas de *rock*, além de novos cantores da MPB, sua frequência a páginas eletrônicas não se restringem às bandas ou músicas católico-carismáticas, como se expressou um deles, Fernando: “Deus não proíbe nada, mas a questão é como o Apóstolo Paulo disse: provai de tudo e ficai apenas como que é bom”. Eles se reuniram para se encontrar especificamente nesse festival, o *Hallel*, de Franca, cidade mais distante da cidade de Americana. A troca de mensagens no *MySpace*, resultou em troca de mensagens instantâneas, fotos, arquivos *on-line* no antigo *MSN*¹⁴. Por fim, aconteceu o encontro: antecedeu o evento, cerca de duas semanas, a partir da admiração que tinham por cantores e bandas que se apresentariam. Eles combinaram de se conhecer no *show* da banda *Beatrix*, que ocorreu no segundo dia do evento, à noite.

Os pontos de encontro antes dos eventos anuais são importantes porque marcam o início da trajetória no espaço, assim como a entrada pela porta do evento. O

¹³ O evento ocorre há 30 anos e em 2017, os organizadores anunciaram a presença do Padre Marcelo Rossi. Disponível em: <<http://www.diariodaf Franca.com.br/2017/04/hallel-comemora-30-anos-e-tera-presenca-do-padre-marcelo-rossi/>>. Acesso em: 21/06/2017.

¹⁴ *MSN (Microsoft Network)* foi um portal e uma rede de serviços oferecidos pela *Microsoft* em suas estratégias envolvendo tecnologias de Internet. Em 1999, o foco do *MSN* em todo mundo muda para portais, tendo inclusive uma filial inaugurada no Brasil, em 2000. Em 2001, inicia-se uma campanha de *marketing* para promover o *MSN Messenger*. Hoje, a maioria dos serviços *MSN* foi transferida para outras marcas.

grupo juiz-forano tinha o hábito de fazer o Nome do Pai sobre o corpo, mas de maneira ampla, como se a expansão do gesto expandisse a fé católica. Ao contrário do grupo paulista cujos pontos de encontro antes dos *shows* eram em *shoppings* e centros comerciais, em Juiz de Fora, os pontos de encontro são próximos às igrejas, nas praças ou na porta de entrada do evento.

O grupo de Americana tinha ritos orais, como “Nossa Senhora passa na frente”. Segundo eles, é ela quem abre os caminhos, mas não só, pois ela prepara a Vinda do Senhor. Os momentos de dispersão, quando se reúnem para despedir-se, abraçar-se, também são importantes, tanto que o fazem em fluxos de transeuntes nas ruas ou, por vezes, como os jovens do grupo juiz-forano, na entrada de templos. Em Juiz de Fora havia apenas a apresentação das bandas, uma pregação sobre juventude e um animador que, com o microfone em punho, procurava constantemente animar.

O objeto de visitação desse grupo de jovens foi o “*Hallel Som e Vida*”, um festival de música de grande porte em Franca (SP), celebrado no mês de setembro, em geral, entre o feriado da Independência e o dia 10. Segundo a Associação “Nova Aliança” que faz a gerência do evento, é necessária autorização para o uso da logomarca e do nome (organiza o festival, detém os direitos autorais sobre a marca, registrada em escritórios de patentes) bem como da estrutura, uma espécie de “franquia religiosa”. Tal associação possui escola de música e uma estrutura própria de manutenção.

Surgido em 1988, era apresentado, entre 2009 e 2016, nos sites de divulgação, como o maior evento de música Católica da América Latina,¹⁵ ocorrendo no início de setembro no Complexo Poliesportivo de Franca. Segundo informações do *site*, os organizadores pensaram numa espécie de “*Rock in Rio*” cristão, e o *Hallel* de Franca teria, atualmente, um público médio de 80 a 100 mil pessoas.

Segundo eles, a palavra *Hallel* vem do aramaico e significa “cântico de louvor a Deus”. Os organizadores dizem que o evento foi levado a várias outras cidades, como Brasília (Distrito Federal) e Maringá (Paraná). Os festivais de música católica carismática costumam desenvolver temas ligados a passagens bíblicas. Em 2008, o festival de Franca, o *Hallel*, teve como temas “Recebei o Espírito Santo”. O espaço era dividido em diversos módulos: Capela, Maria, Confissão, Intercessão, Músicos, Cura e Libertação, Recebei o Espírito Santo, Toca de Assis, PHN, Praça da Criança,

¹⁵Conferir: <http://www.hallel.org.br>.

Acampamentos *Maanaim*, Poli e Palco Central. Nesses módulos, eram realizadas diversas atividades, entre as quais orar pela cura e ser atendidos em confissão por um padre durante os dias do festival. Essa formatação é voltada para receber o imenso afluxo de pessoas e suas demandas fragmentadas. Depois das pregações, que versavam sobre pecado, sexualidade, salvação, tentação, libertação, as pessoas eram convidadas a ir aos módulos. Durante os dias do evento, os módulos mais freqüentados, chegando a ter longas filas de espera, eram os dedicados à cura e à libertação, seguidos do PHN, Praça da Criança, com brincadeiras e humor cristão.

Em 2009, apresentaram-se Dunga e Flavinho, artistas da Canção Nova; Celina, da banda *Vox Gaudium*; Ziza, da Madrefterna; Adriana e Rodrigo, do Louvor e Glória; Bandas Myron, Manancial e Walmir Alencar (bandas e cantor); e Tribo, da banda Maranathá. Alguns desses cantores e algumas dessas bandas já têm projeção nacional entre os adeptos da RCC, e outros têm projeção local. Durante o festival de 2008, 2009, 2010 e 2016, os locutores eram membros antigos do movimento carismático e muito comunicativos, animando todo o evento, desde o início, manhã, tarde e noite. Três dias de programação intensa, com pregações, orações de cura, libertação e bandas de música. Enfim, o festival era uma festa de grupos de jovens, famílias, pessoas sozinhas, todas perambulando em meio aos estandes.

A partir de 2012, segundo seus organizadores, com o Projeto Aliança (atividade de evangelização), planejam lançar em outros países, em parceria com o *Hallel*, de Franca (Associação Nova Evangelização) e com a Comunidade Ministério de Maria (EUA), que pretendem se unir para a realização de eventos *Hallel* em várias partes do mundo. Segundo o site do evento¹⁶, bispos e sacerdotes apoiaram o evento, com comunidade americana que desenvolve vários projetos de evangelização entre os quais educação de primeiro e segundo graus, com ênfase na educação religiosa, evangelização e formação de liderança itinerante e missionária e, por último, o atual projeto de evangelização através dos meios de comunicação e da música.

¹⁶ Junto da equipe do *Hallel*, formada por doze pessoas, vários outros países como Peru, Chile, Guatemala, Colômbia, México, Inglaterra, Estados Unidos, estão formando equipes para a realização do evento, sendo que há grande possibilidade de que aconteça *Hallel*, até o próximo ano, nos países: Chile, Peru, Guatemala, México e EUA. Além dos países que integram os “Ministérios de Maria”, o Paraguai deverá realizar o evento *Hallel* em 2012, na Cidade de Assunción. Conferir no site: http://www.hallel.org.br/projeto_alianca.php. Acesso em 26/06/2017.

Em 2017, quando se completou 30 anos do festival, a ideia foi reunir 80 bandas católicas, apresentando-se em “módulos” e revezando-se nas apresentações, durante os três dias de evento. Enquanto as menos conhecidas não atraíam muito público, os artistas e bandas mais conceituados entre os jovens carismáticos conseguiam agitar a multidão¹⁷. E mais ainda, o festival desenvolve uma espécie de franquia, ou seja, exportam um modelo específico que pode ser adotado por outras cidades, desde que cumpridas as determinações dos organizadores. Atualmente, as seguintes cidades realizam o festival: Aparecida, Franca, Ribeirão Preto, São Carlos, São José dos Campos (SP); Araçatuba, Londrina e Maringá (PR); Paracatu e Betim (MG) e Brasília (DF)¹⁸. Segundo a organização, outros países também realizam o festival, entre eles Betsuana, Gâmbia, Tanzânia e Uganda, na África; México, Chile, Peru, Colômbia, Paraguai, na América Latina e Estados Unidos¹⁹.

Para 2017, previu-se a seguinte organização, chamado de “módulo”:

CAPELA – Onde o Senhor Jesus fica em adoração. MARIA – Esse ano Jubilar Mariano, Maria será mais louvada, é a casa da Mãe. DIVINO PAI ETERNO – Nossa devoção à Trindade, com Maria. CONFISSÃO – Para fazer as pazes do Deus, buscamos o Sacramento. VOCAÇÃO – Vocações sacerdotais, religiosas e matrimoniais. FAMÍLIA – O relacionamento casal e pais e filhos. PHN – Por hoje não vou mais pecar – Dunga da Canção Nova. RCC – Nascemos na Renovação. E temos tantas coisas em comum. COMUNIDADE HODIE – O Pe. Dalmasio, fundador da Comunidade é grande amigo do Hallel. MÚSICOS – O Hallel é SOM E VIDA, a música é o pretexto para atrair os jovens. ROCK – Esse SOM agrada os jovens, mas com letra que fala de paz e esperança. SALVISTAS – Os Salvistas sempre nos salvam porque todo ano vem muitos sacerdotes. POBRES DE JESUS – A Comunidade O Caminho, está conosco há muitos anos. TEOLOGIA DO CORPO – O legado de São João Paulo II, aos jovens de toda época. “TAMO JUNTO” – Movimento jovem em defesa da vida contra drogas e vícios. SIM À VIDA – é também um espaço para orientar famílias contra as drogas. HALLELZINHO – É nosso espaço das crianças de 6 a 10 anos, evangelização própria. SEMENTINHA – É outro espaço de crianças de 3 a 5 anos, com evangelização para elas. ACAMPAMENTOS – Os Dois Maanaim e Hacoré se unem para passar suas experiências. MÃOS QUE EVANGELIZAM – é a Pastoral de surdos, que está conosco há anos.²⁰

¹⁷ Para saber um pouco mais da história do evento: <http://www.hallel.org.br/historia.html>. Acesso em: 23/06/2017.

¹⁸ Lista disponível em: <http://www.hallel.org.br/brasil.html>. Acesso em: 23/06/2017.

¹⁹ Disponível em: <http://www.hallel.org.br/internacional.html>. Acesso em: 23/06/2017.

²⁰ Disponível em: <http://www.hallel.org.br/modulos.html>. Acesso em: 23/06/2017.

Comum aos dois eventos, o de Juiz de Fora e o de Franca, eram os códigos linguísticos usados para sequenciar a apresentação (“Quem acredita que Jesus está vivo dê um grito”, “Quem é filho de Deus pula e abraça o irmão ao lado”), pequenas brincadeiras, entre outros aspectos. Num ritmo intenso de programação, os jovens deslocam-se do lugar onde estão hospedados, como os de Americana, que dormiram na casa de um dos parentes do grupo recém-constituído, bem distante do local em que se realizava o evento, mas, segundo eles, o “espírito de Deus sempre os conduzia”. De fato, um dos integrantes da banda veio de carro e os mesmos dividiam as despesas.

O corpo era intensamente exigido durante as apresentações das músicas nos eventos de Juiz de Fora e Franca: coreografias em grupo, abraços, palmas, choros, orações com imposições de mãos, entre outras fenomenologias corporais (MAUÉS, 2000). Mas, o corpo, apesar dos êxtases, das manifestações de dons carismáticos, está sempre sob vigilância: nos eventos, os bispos diocesanos e padres participam, fazem a abertura, celebram missas, enfim, dão a chancela da docilidade corporal. Em 2017, uma das organizadoras do evento, tia Lolita afirmou: “Esse ano estamos com 10 padres cantores, de fora e 5 de Franca, então Nossa Senhora será muito honrada e louvada não só pelos leigos, mas pelos sacerdotes também”²¹.

Por outro lado, ambos os grupos destacam que a música tem um poder incomensurável, para a perdição e para a salvação, para entortar e para endireitar. E o faz porque, na opinião de Wando, jovem músico do grupo de Americana, “ela penetra nos sentimentos, ativa memórias, é capaz de fazer circular a bênção pela alma, pela vida e pelo sangue!”. Para Renata, “a gente não pode parar de ir à igreja, ouvir músicas carismáticas, pois você recebe a primeira cura, mas o mundo está pronto para ferir com decepções, amarguras e, se você não está na caminhada, as feridas do pecado aumentam e você pode cair.” Ela diz isso porque já caiu, em outras palavras, sofreu uma decepção amorosa, mas se recuperou.

Um dos depoimentos mais interessantes veio do estudante de direito, Sérgio, que fez uma relevante conexão entre mobilidade, emoção e tradição. Ao analisar a importância dos eventos em Juiz de Fora, embora único, refletiu: “como é que se faz com algo denso, com muito peso num mundo de tanta rapidez? A música é capaz dar

²¹ Disponível em: <http://hallelventos.com.br/noticia/2017/04/25/hallel-comemora-30-anos-e-tera-a-presenca-do-padre-marcelo-rossi/>. Acesso em: 24/06/2017.

leveza e mobilidade, faz os movimentos mais bonitos, roda mais as ideias, mesmo as que não estão mais na moda, mas que são eternas verdades, como as que a Igreja prega”.

Em ambos os grupos, o cenário urbano era apontado como labiríntico, cheio de tentações, becos falsos, músicas contaminadas pelo Diabo, pregando sexo sem limites. No entanto, o grupo juiz-forano, devido às características dos bairros de origem dos membros e da falta de planejamento urbano de que a cidade padece, mencionou como entraves os problemas urbanos, como transporte e poluição. O grupo de Americana, cujos membros moravam em bairros próximos do centro dessa cidade, bem planejados e organizados, não citavam tais aspectos e nem do sistema viário da cidade onde participaram do evento.

O trajeto dos grupos não era linear, mas simbolicamente marcado. Uma das atitudes que chamou atenção, tanto num grupo quanto noutro, foi esta: nas vias expressas que levavam até o local da festa, durante o deslocamento do ponto de partida, quando se deparavam com ambulâncias com sirenes ligadas, era comum baixarem a cabeça e murmurarem ave Maria ou o Pai Nosso.

A despeito das diferenças, a cidade e o trajeto do evento eram pontuados por uma geografia de sentimentos e lembranças, pessoais e de outras origens. Durante o acompanhamento dos grupos, no carro ou no ônibus, as conversas eram pontuadas por trechos de música, fatos corriqueiros e que aconteciam nas mídias de massa do país. Quando alguém introduzia um assunto ou cometia um deslize verbal, era rechaçado, às vezes de forma sutil, ou de forma mais intensa. Esses sentimentos integram uma “cartografia” da subjetivação, sendo fundamentais na constituição da pessoa (ROSALDO, 1984). Entretanto, os sentimentos podem estar “contaminados”, isto é, influenciados pela ação demoníaca, sendo necessárias músicas de libertação.

Efetivamente, nos dois festivais, de Juiz de Fora e de Franca, uma das músicas mais cantadas foi “Levanta-te”, cuja coreografia caracterizava-se pela imposição de mãos, além de lançá-las para trás, com vigorosos movimentos. Um dos trechos da música diz: “Saíam diante de ti teus inimigos, se dispersem diante de ti, todos aqueles que aborrecem tua presença. [...] espírito de maldição (saia), [...] espírito de rebelião

(saia), Espírito de moralidade (saia), espírito de confusão (saia) [...] Espírito de profanador (saia), Espírito de moralidade (saia), espírito de confusão (saia)”²²

A cada enunciação do “Saia!”, os jovens agitavam os braços com vigor e pulavam. Se toda pessoa traz dentro de si feridas emocionais, o contato com (ou a prática de) atos contrários à moralidade do catolicismo (homossexualismo, adultério, palavrões, por exemplo) ou práticas afroreligiosas e superstições são considerados como fonte de contaminação. Isso pode não só infectar ainda mais a ferida, o trauma, mas também possibilitar que o demônio entre em certas áreas da vida da pessoa, controlando-as. O princípio da contaminação é invertido e emerge o princípio da santificação.

Assim, a deambulação torna-se um rito e um catalisador que permite combinar a tradição e seus valores com a experiência individual, pessoal e afetiva do divino. No caso da escuta de músicas, a tradição contida em imagens (o manto de Maria, o sangue de Jesus), em procedimentos (agitar os braços com vigor), na retomada de procedimentos morais (valorização da virgindade, negação da homossexualidade) é feito num fruir estético dos passos e da dança (MAUÉS, 2003).

Na deambulação, essas atitudes são fundamentais para os carismáticos: fortalecimento (ser mergulhado na força de Deus, como no batismo do Espírito Santo e na manifestação dos dons carismáticos); proteção (contra o demônio e as tentações); revelação (cerne da tecnologia do eu entre os carismáticos, pois se trata de dispositivos de reconstrução do passado, portanto das memórias e emoções vividas); libertação (constituição do “*self* carismático” liberto do mal); finalmente a graça sacramental (conferindo catolicidade e ortodoxia ao “*self* carismático”).

No dizer dos jovens, é preciso orar sempre, quando se sai de casa, quando se vai a qualquer lugar, e mais ainda quando se vai a eventos, como os festivais. Segundo Bernardo, do grupo juiz-forano, o inimigo, o encardido (referência ao demônio, que sempre evitam dizer pelo nome), “está atrás da porta da benção, que são esses eventos, para colocar casca de banana e a pessoa escorrega e, sem ver, cai”. Realmente, como a música está tão ligada ao corpo e aos desejos, aos territórios do prazer, incrustados na paisagem urbana sob diversas formas, nesses ajuntamentos (festivais de música

²² Conferir letra e música: http://www.portaldamusicacatolica.com/marcelo_2.asp#8. Acesso em 28 de maio de 2017.

católica) de carnes, formas, cheiros, esbarrões, abraços, lágrimas, o *eros demoníaco* tende a insinuar-se, afluindo pelos interstícios e abocanhando os incautos.

Por outro lado, a atitude de fortalecimento está relacionada ao sujeito que canta, que ora. A atitude de proteção é o início da oração de cura, cercando a pessoa que ora e que pede cura, invocando a proteção divina contra as “ciladas do inimigo, do encardido”, como muitos carismáticos preferem denominar o demônio²³.

Curto-circuito entre fronteiras: da praça eletrônica à vida mítica nos festivais

O uso das redes sociais chamou atenção em ambos os grupos, embora o grupo paulista tenha uma inserção maior no mundo virtual. A diversificação e ampliação da oferta de serviços eletrônicos ampliou o espaço para as comunidades virtuais de bandas e artistas católico-carismáticos, bem como redes de fãs-católicos. Por meio de dispositivos, como *links*, há um modo de circulação dos textos que busca preencher o espaço da internet, na intertextualidade, sempre constitutiva, da linguagem. A rede de *blogs* católicos cresceu e aumentou os laços de reciprocidade para dar conta das relações e trajetórias do fluxo de identificação com aspectos religiosos do catolicismo (SILVEIRA, 2014).

Investigar traços identitários, ou ainda, desdobramentos das presenças e dos deslocamentos entre a rede digital e a rede de relações sociais é como entrar num labirinto. A metáfora do labirinto, usada por Maffesoli (2001), para pensar as coisas em sua “ambivalência estrutural” desconstruindo as noções “dentro/fora”, “realidade/virtual” ou “sujeito/objeto”, expressa bem a relação entre corpo, festa e religião, nos festivais de música católico-carismática.

No plano da comunicação intermediada por computador, as metalinguagens e os poderes oblíquos multiplicam-se e criam novas referências para o consumo e para a produção dos fluxos de identidade que movimentam grupos dentro do espaço urbano. No plano da comunicação, as janelas ou *links* das páginas eletrônicas, pavimentam horizontes novos, e o hipertexto inclui-se nesse movimento: funciona como um nó, que guarda em si uma rede inteira. Durante a pesquisa intermitente, segundo o grupo de

²³ A libertação é utilizada na cura, quando o suplicante e seus males têm sobre si uma influência diabólica, adquirida pelo contato com outras religiões ou por emoções violentas (rancor, ressentimento) não tratadas.

jovens de Americana, era preciso visitar e manter perfis eletrônicos atualizados quase que diariamente. Já o grupo juiz-forano entrava na internet com menos frequência (semanal), mantinha páginas eletrônicas e se comunicava de forma mais fragmentada. Em ambos os grupos, as músicas das bandas eram baixadas e carregadas em celulares e outros aparelhos.

A navegação *on-line* permite que um trajeto seja interrompido e modificado de direção, a qualquer clique, ampliando as chances de o navegador escapar por meio de outras páginas eletrônicas e no interior de um texto. Nesses espaços, as bandas, os eventos, as festas, os locais onde acontecem são apresentados, recortados, consumidos.

No *Facebook*, é possível cadastrar-se e colocar fotos e preferências pessoais, listar amigos e formar comunidades. Os indivíduos e as organizações são mostrados sob a forma de comunidades. A existência de conectores sociais, por exemplo, toma como pressuposto uma relação social que não tenha custos para as partes, uma relação social em que as partes envolvidas não precisam depender de tempo, capital social e envolvimento para aprofundar ou manter a conexão entre elas. Isso porque seria impossível manter algum tipo de interação com um número tão imenso de conexões.

Por outro lado, um laço social pressupõe algum tipo de manutenção, seja ele fraco ou forte. Embora muitas conexões sejam realizadas de modo aleatório, nem todas são realizadas dessa forma (RECUERO, 2003). Muitos procuram conectar-se aos seus amigos no mundo *off-line*. Outros procuram conectar-se a partir de interesses comuns, no caso, religiosos. As pessoas levam em conta diversos fatores ao escolher sua conexão. Os laços sociais, portanto, são estabelecidos a partir de interesses comuns que funcionam como nódulos e precipitadores de ações sociais, como reuniões para visitas e idas a festivais, paqueras e namoros (RECUERO, 2003).

As páginas eletrônicas e outros grupos da rede social (*Myespace*, *Facebook*) da renovação carismática mostram-se como sinalizador ou marco de uma comunidade imaginária, para além de uma rede social de interação contínua, profunda ou sólida. Embora essas redes digitais sejam líquidas, ao invés de dissolverem os laços, servem de balizas em meio à multiplicidade de comunidades no ambiente *on-line*.

A respeito da multiplicidade de comunidades, as bandas formam um capítulo à parte na presença do catolicismo carismático na Internet. Há comunidades de fãs de bandas carismáticas. Nos *blogs*, há referências entusiásticas. Há, de fato, uma lista

imensa de bandas que disponibilizam *sites* e atuam expressivamente tanto no cenário católico quanto no cenário cibernético. A formação de bandas de música acompanha o início da RCC, mas toma forma mesmo a partir de 1980, quando o movimento se expande e começa a atingir uma pequena parcela da juventude. Os que hoje militam na Canção Nova, como Dunga, Flavinho e outros, começaram em pequenas bandas, no início da RCC. Posteriormente, a partir da década de 1990, essas bandas distribuíram-se em diversos estilos musicais, entre os quais *rock*. A partir do final da década de 1990, as bandas carismáticas que mais faziam sucesso começaram a se lançar na Internet como meio de divulgação de eventos e agenda, bem como de evangelização e exposição de seus produtos (SILVEIRA, 2009). Muitas lançaram suas músicas em produções independentes, vendidas a partir de diversas estratégias.

Nos anos 2000, as bandas se multiplicaram nos espaços cibernéticos específicos de divulgação musical, como o *MySpace*, que registra vídeos, trechos de músicas e depoimentos de fãs. A mixagem de fronteiras surge na música, na estética dos grupos, na comunidade imaginária de fãs-católicos. São muitas as bandas que hoje disponibilizam páginas eletrônicas.

O *rock gospel* brasileiro começa a se desenvolver com força a partir da década de 1980, dentro do processo de desinterdição da “mundanidade”. Trata-se de um movimento tributário da cena *gospel* norte-americana e implica, em linhas gerais, a utilização indistinta para a evangelização de sonoridades musicais ditas profanas, mundanas ou “seculares” (JUNGBLUT, 2007). Esse movimento também se espalhará pelo cristianismo católico.

Há um duplo movimento que também pode ser estendido à atuação das bandas católico-carismáticas: ao mesmo tempo em que se busca atingir o mundo não-evangélico, busca-se também renovar o interior desse universo religioso cristão, tornando-o menos tradicional nas esferas da estética e do comportamento (JUNGBLUT, 2007).

A explosão de estilos musicais no *gospel* levou a uma intensa fragmentação do chamado *rock gospel*: o denominado *White metal* ou, em outras palavras, o *heavy metal* evangélico (JUNGBLUT, 2007). Os “cultuadores” denominam o cenário de celebração desses estilos de “cena *underground* cristã”: são conjuntos de igrejas, “ministérios”,

“bares evangélicos”, casas de *show*, estúdios de gravação, entre outros, dedicados a esse estilo de música. Em parte, isso afetará diretamente o catolicismo carismático.

Na luta por visibilidade, em concorrência com o mercado cultural *gospel* das igrejas protestantes, pioneiro em adaptar linguagens da cultura de massa, o catolicismo carismático apresenta práticas eficazes, identificadas com o espetáculo da sociedade moderna, de ressignificação. Ao modo de festivais multimodais, o *Hallel* investe na chamada “segmentação de mercado”, em que os festivais criam espaços de circulação do consumo católico, afirmando-se personalidades que acabam alçando o estrelato e tornando-se *pop-star*.

Como existem muitas bandas no circuito musical, para ilustrar a questão das deambulações, será abordada uma banda que vem alcançando muito sucesso entre os jovens carismáticos, entre os quais o grupo de Americana e dois integrantes do grupo de Juiz de Fora: a *Beatrix Revolution*, de múltiplas influências, do *rock* ao *grunge*. A banda é paulista, tem se apresentado em eventos tanto religiosos quanto seculares e aproxima-se do *rock* cristão. Segundo o blog da banda Beatrix:

A proposta une letras fortes, arranjos arrojados e muita, muita personalidade. O nome da banda foi inspirado pela história de Santa Beatriz, uma religiosa portuguesa que, por um milagre, teve sua beleza de 20 anos de idade conservada até os 60 anos. A palavra Beatrix é o nome da santa e significa “aquele que traz alegria”. Em suas canções cheias de ideologia, a banda fala das dores, incertezas e buscas próprias da juventude e resgatam a beleza e a alegria perdidas por uma sociedade aprisionada pela ansiedade do ter. O peso dos arranjos, unido ao timbre suave da vocalista Aura Lyris, resultou num som cheio de profundidade e sutileza. Enquanto Lize Borba e Vinícius temperam as guitarras com as básicas pausas do New Metal, na cozinha, Thiago quebra tudo na bateria, junto com o baixista Bruno Espíndola. Embora receba influências do New Metal, Beatrix não se considera uma banda de estilo único. [...] Apesar de negarem rótulos, assume sua inspiração em músicos e bandas como Pillar, POD, Muse, Linkin Park, SOAD, NIN, Cold Play, Evanescence (apud SILVEIRA, 2014, p.112).

O portal de *Rock Cristão*, *Planet White*, espaço onde as bandas encontram espaço de divulgação, publicou uma entrevista com a banda Beatrix (SILVEIRA, 2014). À direita, a imagem de uma guitarra enrolada com um terço, traça uma identidade católica. As entrevistas, os trechos de músicas colocados, os arquivos, fazem circular entre os jovens carismáticos a existência de uma comunidade imaginária, uma

ambiência em que a sensibilidade católica nada fica a dever à sensibilidade da cultura contemporânea.

A entrevista, realizada em maio de 2008 mostrou a mistura de códigos estéticos, a começar pela indumentária da banda, cujo visual não permite diferenciá-la de outras bandas de música: cabelos coloridos, *piercings*, calças largas, correntes, constituem uma imagem que mesclam as fronteiras com outras bandas. Mas as fronteiras voltam erguidas como estratégia de identidade ao abordarem temas como evangelização católica, missão, música cristã. Os longos trechos do depoimento da solista da banda sintetizam significativamente o que pensam os jovens dos grupos analisados. Em itálico, estão as perguntas do entrevistador, em letras normais, trechos das respostas; as partes grifadas consistem em ênfases do autor deste artigo:

[...] 5. *Ao escutar o CD da banda, fica claro que vocês não se prendem a um único estilo musical. Essa diversidade sonora provém de influências musicais diferentes de cada membro da banda?* [...]. Aqui cada um vem de uma cidade diferente e com uma vivência musical diferente... [...]. Tínhamos uma meta em comum: *rock*. [...]. Aí no CD você encontra desde um som de balanço de parquinho captado à noite com crianças olhando pensando 'o que esses caras tão fazendo?!' até todos da banda em volta do microfone cantando "la la la" igual crianças! Cada um tem um gênero musical que mais gosta... *Jazz... Blues... New metal... Pop... MPB... Rock alternativo, bem underground mesmo... Música comercial, etc.* Eu, particularmente, gosto de mulheres cantando [...] Adoro Regina Spektor, Rachel Yamagata, Ingrid Michaelson, Tori Amos... [...] 7. [...] *O que vocês, enquanto grupo, fazem para que haja um fortalecimento espiritual na banda?* Cara, é incrível o número de intercessores que a gente vai arrecadando por esse Brasil afora! Cada dia eu recebo alguns *e-mails* (risos) de diversas cidades, e pessoas muito carinhosas dizendo "estou rezando por vocês"! Isso já nos dá muita força e faz com que continuemos com nossa adoração em grupo, sozinhos, missa, estudo... A gente sempre tenta ver aquilo que Deus nos diz de maneira que possa ser aplicada aos problemas do cotidiano do mundo! É o nosso principal foco: Mostrar que Deus, Jesus Cristo, o Espírito Santo, são atemporais e podem nos socorrer e entender nossas aflições, não importa o ano, a tecnologia ou a realidade em que estejamos vivendo! [...] 9. *Agora uma pergunta para as meninas da banda: sabemos que, no mundo do rock, uns 80% das bandas são formadas por "cuecas". Aura e Lize o que vocês têm a dizer para as meninas que curtem rock e têm medo de encarar o desafio de ter uma banda?* Olha, eu acho que chamar de desafio já é errado (risos) porque somos tão capazes quanto os homens de fazer esse trabalho, afinal, foi Deus que mandou! (risos) Segundo, que a gente traz... um clima diferente pro negócio! A gente organiza... A

gente dá bronca, a gente enche o saco quando tá de TPM! [tensão pré-menstrual] Tipo, não é legal? (Risos, brincadeira) Mulheres, se não for através do *rock*, que seja através do que vocês têm no coração. [...] Vejo muitas mulheres coordenando pastorais, grupos, ministérios, cidades, estados, empresas. Por que não uma banda de *rock*? =D [...] 11. *Quem quiser entrar em contato com vocês ou conhecer mais sobre a banda, como faz?* www.bandabeatrix.com.br; www.myspace.com/bandabeatrix (versões alternativas das músicas); www.youtube.com/beatrixband (nossos vídeos); www.palcomp3.com.br/beatrix (escutar as músicas do CD); www.cdcatolico.com.br / www.cdcrisiao.com.br / www.sacrovia.com.br (comprar o CD e as camisetas).²⁴

Da entrevista respondida por e-mail, aparentemente ressaltam-se alguns pontos, entre eles a difusão da banda em diversos espaços pela Internet, a linguagem com gírias, cheia de pausas com risos e brincadeiras e as influências e *performances* musicais. A liderança da banda é exercida por uma mulher, e a linguagem é similar ao discurso feminista. A ubiquidade da presença da banda em diversos canais eletrônicos (do YouTube a sites de compras), bem como de outras bandas, mostra a difusão e a disseminação da presença de uma sociabilidade católica aberta. Renato, um jovem fã da banda, integrante do grupo da cidade de Americana, referiu-se ao último *show* como o *Hallel* de Franca, de que participou:

De arrepiar, tipo assim! Os músicos carismáticos têm talento, têm voz, têm sangue, têm suor, têm unção cara! Precisa é pegar essa linguagem do mundo e detonar! Essa guitarra e baixo, meu! Explodem minha veia! Arrasa! Mistura bombada! Parece o *Zeppelin* e o *Pink Floyd*, que sou chegado, mas transformados, por Deus. Tem que tá é em todo lugar da net, em qualquer *show* e em qualquer lugar, pro pessoal ouvir de Jesus... É! É a revolução Jesus, yes!

Essa linguagem sincopada é similar à linguagem da cultura jovem: uma linguagem rápida, em que a forma predomina sobre o conteúdo, ou melhor, em que o conteúdo é a própria forma.

As letras da banda e as músicas circulam por amplos canais. Estão em megaestruturas, como as do Provedor Terra,²⁵ que mantém portais de músicas, por exemplo, em que se pode acessar a letra, ouvir um breve trecho, para os não assinantes,

²⁴ Fonte: http://www.planetwhite.net/index.php?option=com_frontpage&Itemid=1. Acesso em: 15/01/2009.

²⁵ Conferir: www.terra.com.br.

e as músicas inteiras, para os assinantes. Nessas páginas é possível encontrar muitas letras de músicos e de tantas outras bandas católicas.

A canção destacada para exemplificar, “Protótipo Monobloco”, é uma canção em que a guitarra alterna ritmos graves, agudos, estridentes, típicos do Heavy Metal, com uma bateria ao fundo e baixos em tom grave secundando a vocalista. Os jovens de Americana citavam-na sempre. A letra é um protesto contra estruturas de aprisionamento: “Despedaçaram virtudes, torceram as atitudes. / *Is this the evolution?* / Acordar! Deixem as crianças respirar! / Sem pesadelos! / Sem moldes e modelos! / Esta é a revolução: amar”.²⁶

Os jovens do grupo juiz-forano preferiam a música “As dores do silêncio”, do grupo *Rosa de Saron*²⁷, que enfatiza a entrega, a superação. Um dos trechos preferidos por Renata é: “Diante de Ti, / Eu entreguei os meus caminhos, / Pra Te sentir/ E nunca mais chorar sozinho”. Um *rock* mais romântico, ao contrário do *rock* “pesado” da banda Beatrix. As letras das duas músicas são semanticamente abertas, teologia polissêmica, pois não se nomeia o dogma, a tradição, mas um Você, um Ti, um Espírito dispostos a uma abertura que conjuga emoção e divindade, mas cuja letra não demarca Jesus e Maria. Talvez isso explique a presença de jovens não adeptos da RCC que apareceram nos festivais.

O sentimento de amor, os depoimentos de amores frustrados entre os integrantes, as referências constantes à “entrega do amor de Deus”, denotam uma forte pulsão romântica na visão de mundo dos grupos de jovens citados. O *locus* dos festivais, mesmo que temporários, tendem a coincidir com o mítico paraíso, e o resto da cidade, os labirintos, dos quais emergem algumas ilhas, entre elas, os templos católicos e lugares assépticos, como os *shoppings*.

Os grupos de jovens, marcadores do espaço citadino, misturam a dimensão do mundo interior dos membros (subjetividades diacríticas em que a música pausa o ritmo das conversas e dos olhares) com a dimensão exterior (monumentos estradas, trajetos, edificações, vitrines).

²⁶ Conferir: <http://letras.terra.com.br/banda-beatrix/1164254>. Com mil e quinhentas visitas em 28 de maio de 2011.

²⁷ Conferir: <http://letras.terra.com.br/rosa-de-saron-musicas/226447/>. Nesse site, constava a visita de 295 mil internautas no dia 27 de maio de 2017.

As transformações sociais e culturais modernas, e em última instância a modernidade, acelerou o movimento de “encaixe-desencaixe-reencaixe” produzindo uma subjetividade coletiva altamente descentrada e individualizada. Nesse fluxo cultural e ideológico, os indivíduos passavam a se ver, a se performatizar e a reflexionarem-se como “indivíduos abstratos e atomizados, cuja ação deve prescindir ao máximo dos outros” (DOMINGUES, 2003, p 51). Mas há outro movimento, paralelo e simultâneo, gerado pela insuficiência dos novos reencaixes abstratos em suprir de sentido tanto a vida diária, submetida a um ritmo de vertiginoso de mudanças quanto o movimento da história em que as identidades (grupais e individuais) se viam inseridas (DOMINGUES, 2003). Esse movimento, nascido do intenso trabalho da reflexividade individual e coletiva nas modernidades ocidentais tardias, remete a duas formas concretas de reencaixe que são reapropriadas pelos indivíduos e grupos nas cidades: a nação e a religião, esta última tornou-se veículo “para a reconstrução mais concretamente orientada de identidades sociais, para além das abstrações reais da modernidade”. (DOMINGUES, 2003, p. 51).

Portanto, a ideia de fixar-se remete à aderência entre o signo e o significado. Nesse âmbito, há a possibilidade de criação de laços orgânicos com a instituição, com a tradição. A ideia de flutuação remete para a não-aderência, para a errância entre signo e significante, entre conteúdo e forma, numa trajetória que vai absorvendo novos significados, incorporando a tradição como “mais um” reencaixe. No entanto, não é mais possível conceber as identidades grupais e individuais como dotadas de uma essência atemporal e não-espacial.

Na modernidade tardia, a “a ambivalência da fixação [...] consiste em desenvolver simultaneamente as perspectivas de segurança e de dependência à maneira de escravo. A ambivalência da flutuação consiste, pelo contrário, em combinar a promessa de liberdade com o espectro da insegurança.” (BAUMAN, 1997, p. 125). Com essa combinação, os jovens carismáticos vivem um paradoxo, obediência a instituição, conservadorismo e deslocamento em grupo, por um lado, e, por outro, experiências extáticas, afetivas e pessoais, individuais.

Por isso há um verdadeiro universo musical nas bandas católicas, que variam de estilos, do sertanejo tradicional ao *reggae* e do axé ao *rock* pesado. As bandas de *heavy metal* católico mantêm a velocidade do ritmo, a distorção nas guitarras, o vocal

em tom elevado, mas as temáticas soturnas, aqui já mencionadas, ganham reelaborações referentes, especificamente, ao sacrifício sangrento de Jesus pela humanidade.

Ilustrando, mais uma vez, apresenta-se um dos membros do grupo de jovens juiz-forano. A única que gosta da banda Beatrix, já que os outros preferem Rosa de Saron. Difícil chegar até ela, já que mantém sempre uma relação de suspeitais. Do grupo Renata é a que se converteu de uma vida desviante. Aos 22 anos, era alcoólica e buscou, nas noitadas em boates, sua segurança e felicidade e perdeu o emprego. Nessa época, adorava o grupo Sepultura, *rock* pesado. “Eram dois vícios”, dizia ela, “o mundo e as bebidas. Ia para as noitadas pra ficar chapada. Hoje fico chapada do Espírito Santo e ainda vou para a net, mas vou para evangelizar agora.”

Conheceu um grupo de jovens, cujo som era “pesado”, mas as letras eram de Jesus. Era uma banda que não existe mais. O nome da banda de *rock* cristão era *Águila Regi* (águia do Rei). Por ela, conheceu um grupo de jovens carismáticos e, a partir daí, conseguiu entrar para uma clínica de tratamento para se recuperar do vício. Ajuda a organizar as cristotecas do grupo (espécies de evento com pista de dança, luz estroboscópica, guaraná e músicas de *rock* cristão), faz excursões para os *shows* de bandas, como Beatrix e Rosa de Saron, toca guitarra no grupo. Trabalhou como recepcionista de um hotel. Sobre essa atividade e as bandas carismáticas, diz:

Hoje eu só vivo se for com Jesus injetado na veia, cheirar o evangelho, né! Eu fico ligadona nessas bandas. Se tivesse conhecido elas no início, não tinha ido pro buraco como fui. Um som muito bom, toca e vibra. A vibração das bandas do mundo te leva pro diabo, mas a energia que sai da guitarra do Rosa de Saron ou do Beatrix te leva pra Jesus.

Somente depois de algum tempo, comentou sobre algumas práticas interessantes desse grupo e de outros grupos jovens carismáticos. A primeira ela chamou de “chapar no monte”. Os jovens se reúnem, periodicamente, em grupos para orar no monte e receber Jesus, para ficarem na “chapa quente”, como ela se expressou. “Chapar no monte” indica um tipo de prática sobre a qual não foram revelados muitos detalhes, apenas estes: escolhem um local afastado, monte ou morro, aonde eles vão para tocar músicas, dançar no espírito e receber profecias. É dessa atividade que recebem força para evangelizar a juventude. Diz ela:

Quando me converti, quando conheci Jesus, recebi uma profecia de uma pessoa que dizia que Deus iria me usar muito, com muita força para ser luz para essa juventude e que, caramba! iria me dar muita criatividade. Aí, louvava muito, ficava horas louvando a Deus. Tomar um porre de dons, eta! Hahaha... Foi quando conversei com duas outras jovens, e disse isso. Eles toparam na hora. Uma foi com um violão e subimos um morro. Ficamos horas! E depois o negócio foi passando, mas aí teve uns problemas. O padre criticou, e a gente ficou meio que na moita pra não atrapalhar o grupo, mas vamos umas duas vezes por mês, um grupo de 10 pra louvar e dançar muito.

Ser convidado para participar dessas reuniões é como um ritual de iniciação exigente e difícil. A desconfiança do padre motivou o segredo no grupo. Ela garante que nada demais é vivido ali, somente que dançam descalços, para pegar a vibração do Espírito Santo, tocam músicas de que gostam, oram e louvam. As danças começam solitárias, rodando, depois, conforme ela narrou, uns dançam com os outros.

O grupo de Americana não relatou essas atividades, mas outras interessantes, como a dos “anjos internautas”, como Rita denominou a si e aos outros que entram em *sites*, salas de bate-papo, páginas e outros espaços eletrônicos para “serem sal da terra e luz do mundo”. Esses “anjos” podem ser reconhecidos por alguns padrões de *nick*, como “amigo de Jesus”, “ombro amigo”, “Jesus te ama”, “Amiga”, etc. Segundo ela, começou em Americana, em 2008, com alguns colegas do grupo. No próprio ambiente *on-line*, segundo ela, sem esperar, encontrou um membro do grupo jovem de oração, numa sala de bate-papo da Canção Nova. Ela começou a bater-papo com ele e com outros, que reclamavam de solidão. Veio-lhe, na mesma hora uma bela inspiração: “Por que não sermos anjos da guarda na Internet?”.

Há grupos que se encontram com certa regularidade em *chats* de bate-papo religiosos e comuns, para conversarem sobre Deus e outros assuntos relacionados à juventude, fazerem propagandas de bandas, ou simplesmente para ouvir as pessoas, e o fazem acionando a tecla reservado. Segundo Rita:

Hoje tem computador pra tudo que é lado, e tem ação do diabo também. Na internet, poxa! [...]. Então, o Espírito Santo me inspirou a ideia de ir para Internet evangelizar de todas as formas. Às vezes mudo meu *nick name*, entro como homem, velho, como padre, vixi... é o maior barato fazer isso para Jesus, pois faço para ganhar almas. Me sinto numa batalha, num jogo contra o inimigo... e disso gosto muito, pra caramba. E tenho colegas, inclusive que só conheço da

net! Que loucura, fazem isso e nos reconhecemos pela net. [...]. E olha, baixa gente de tudo que é tipo, viu! Mas tem muita gente deprimida mesmo, solitária, muito marido e esposa que vai pra internet reclamar, muito mesmo.

As relações entre as sociabilidades geradas pelos novos meios de comunicação eletrônicos e a atuação religiosa toma formas ainda imprevistas pela literatura antropológica. As combinações não se esgotam num fluxo absoluto de liquidez que anularia as capacidades de criação de laços sociais e identitários mais sólidos. Os “anjos internautas” são pessoas que se agrupam na rede *web* para rondar e promover intervenções. Um totem eletrônico criando fluxos de identificação, tornando-se catalisador de posturas e comportamentos entre jovens carismáticos, ou não, que sentem e querem participar dessas “comunicações”.

Uma quase conclusão

A interiorização produzida pela ascensão da eficácia e da independência entre meios e fins posta em curso pela tecnologia não leva senão à fragmentação do eu moral e ao seu deslocamento, aprisionando-o na instrumentalidade momentânea de tarefas e problemas localizados que nunca propõe o todo como alvo.

Toda essa nova configuração pode ser melhor compreendida dentro do dinamismo da modernidade tardia: a separação entre tempo e espaço (seu alargamento), o desenvolvimento de mecanismos de desencaixe e a apropriação reflexiva do conhecimento (GIDDENS, 1991; 2002). Por outro lado, os desequilíbrios sistêmicos rompem com os valores tradicionais, desorientam o curso de ação e assolam o sujeito que se vê perdido e incapaz de agir com integridade. Em outras palavras, provocam a (des)tradicionalização, abrindo o caminho para a dimensão do pós-moderno. Esse movimento provoca, assim, novas ondas de expansão de significado, desenraizando práticas, de cura inclusive, de sua territorialidade estrita (limitada a uma religiosidade). Nesse contexto, é preciso recobrar e dar nova face aos fragmentos de si, espalhados em trajetórias distintas, díspares e antagônicas. E isso é feito pela *performance*, pelos comandos verbais que operam entre as comunidades virtuais e pelos deslocamentos territoriais entre festivais, eventos e reuniões.

Durante os festivais, quando os corpos dançam e as bocas cantam como se fossem uma “neoralidade catártica”, restitui-se o sujeito em sua própria história, (re)arrumando os sentimentos em um novo quadro, ainda que este seja efêmero e provisório, no qual as pinceladas sejam motivadas pelo prazer ou pela dor trazidos pelas experiências vividas e revividas durante o ritual.

A ação ritual pode ser vista como “performativa” em diversos sentidos, entre eles quando “dizer é também fazer alguma coisa como um ato convencional” e quando os participantes experimentam intensamente uma performance multimidiática de comunicação (TAMBIAH, 1985). Nesse sentido, o deslocamento urbano e a participação nos festivais podem ser vistos como integrantes de uma mesma ação ritual empreendida pelos grupos de jovens em busca de sua autoconstrução reflexiva e simbólica.

A organização do pastorado no cristianismo produziu um “dispositivo de poder” que estabeleceu uma “tecnologia política dos indivíduos”. As procissões, os fluxos das gentes, dos imaginários e dos corpos, outrora organizados em torno da Igreja, dos templos, dos mosteiros, dos cruzeiros e ermidas, das capelas e sinais agonísticos da fé católica, hoje estão dispersos, embaralhados, mudos no ambiente urbano contemporâneo. Esse ambiente é plural, cheio de vielas, passagens, avenidas e ruas comerciais, terminais de transporte de massa, cancelas, templos das mais diversas denominações religiosas, pontos turísticos, prédios abandonados, profusão de placas comerciais, ambulantes, camelôs, carros e fumaça aos borbotões. Por entre os labirintos da cidade, em busca do mítico, esgueiram-se os grupos jovens de Juiz de Fora e de Americana, organizando, por sobre a geometria dura do asfalto, uma teia de relações com dois nódulos: a amizade e a convivência de fé, de um lado, e a virtualidade digital e a abertura semântica, do outro.

Se o *locus* do encontro com o sagrado que reaviva a fé é o encontro pessoal com Jesus, esse encontro, para ser legítimo (segundo a concepção dos carismáticos), precisa ceder lugar à emotividade, ao afeto. Daí a espontaneidade, no tocante à participação (cantos, danças, orações coletivas “espontâneas”, entre outras práticas) e da deambulação, que se pauta pela festa como um ritual de reencontro consigo mesmo e com suas opções, vistas como vontade de Deus.

O catolicismo carismático vivido por esses jovens produz uma individualidade construída na tensão entre a fidelidade à tradição e a fidelidade aos próprios sentimentos e escolhas, perfiladas durante a trajetória de vida em meio ao labirinto citadino. Entre uma vida acelerada por um circuito ambíguo e reflexivo de identidades grupais e individuais, os jovens carismáticos, a partir do consumo imaginativo, buscam harmonizar o hedonismo da deambulação entre festivais e espaços, digitais e urbanos, de sociabilidade católica com a mitologia da grande narrativa cristã.

Porém, entre a festa, a cidade e os corpos dos jovens, seria possível reerguer das ruínas o poder pastoral católico, cuja base se organiza em três aspectos: a salvação como possibilidade universal, a salvação como obrigação de todos e a salvação como aceitação da autoridade? Ou será o deslocamento urbano-digital e o consumo estético dos eventos, bandas e músicas uma *performance* católica condenada a simular um paraíso perdido?

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **Ética pós-moderna**. São Paulo: Paulinas, 1997.

CAMURÇA, Marcelo A. Entre sincretismos e “guerras santas”: dinâmicas e linhas de força do campo religioso brasileiro. **REVISTA USP**, São Paulo, n.81, p. 173-185, março/maio 2009.

_____. Tradicionalismo e meios de comunicação de massa: o catolicismo midiático. In: CAMURÇA, Marcelo; CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília. (Org.). **Novas Comunidades Católicas**: em busca do espaço pós-moderno. Aparecida SP: Ideias & Letras, 2009 b.

_____. Autonomia ou identificação orgânica entre a juventude católica e a instituição Igreja? Uma comparação entre estudos sobre as juventudes católicas no Brasil e na França. In: ANDRADE, Péricles (org.). **Polifonia do Sagrado**: Pesquisas em Ciências da Religião no Brasil. São Cristóvão: Editora da Universidade Federal de Sergipe, p. 01-35, 2015

CAMPBELL, Colin. **A ética romântica e o espírito do consumismo moderno**. Rio de Janeiro: 2001.

CARRANZA, Brenda. **Renovação Carismática Católica**: origens, mudanças e tendências. Aparecida: Santuário, 2000.

CARVALHO, José Jorge. Características do Fenômeno Religioso na Sociedade Contemporânea, In Maria Clara L. Bingemer (org.). **O Impacto da Modernidade sobre a Religião**. São Paulo, Loyola, p.133-64, 1992.

DOMINGUES, José M. Desencaixes, abstrações e identidades. In: AVRITZER, Leonardo; DOMINGUES, José M. (orgs.). **Teoria social e modernidade no Brasil**. Belo Horizonte: Ed UFMG, p. 38-60, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GIDDENS, Anthony. As consequências da modernidade. São Paulo: Editora da UNESP, 1991.

_____. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

HERVIEU-LEGER, Daniele. **O peregrino e o convertido**. Petrópolis: Vozes, 2008.

JUNGBLUT, Airton. A salvação pelo rock: sobre a cena 'underground' dos jovens evangélicos no Brasil. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 27, p. 144-62, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles. **Capitalismo estético na era da globalização**. Lisboa: Edições 70, 2014

MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MAGNANI, Jose Guilherme Cantor. Os circuitos dos jovens urbanos. **Tempo Social. Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 17, n.2, p. 173-205, 2005.

_____. **Mystica Urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole**. São Paulo: Studio Nobel, 1999

MARIZ, Cecília L. "A Renovação Carismática Católica: uma igreja dentro da Igreja?" **Civitas. Revista de Ciências Sociais**, vol.3 n.º 1, p. 169-186, 2003.

MAUÉS, R. Heraldo. Algumas técnicas corporais na Renovação Carismática Católica. **Ciencias Sociales y Religión**, Porto Alegre, v. 2, p. 119-152, 2000.

_____. Bailando com o Senhor: técnicas corporais de culto e louvor (o êxtase e o transe como técnicas corporais). **Revista de Antropologia** (São Paulo), São Paulo, v. 46, n.1, p. 9-40, 2003.

OLIVEIRA, Eliane Martins de. "O mergulho no Espírito Santo": interfaces entre o catolicismo carismático e a Nova Era (o caso da Comunidade de Vida no Espírito Canção Nova)". **Religião e Sociedade**, vol.24/1, p. 85-112, 2004.

OLIVEIRA, Jefferson Rodrigues de. 2015 **Canção Nova e as peregrinações modernas**: hierópolis carismática de Cachoeira Paulista-SP. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

ORO, Ari P. Considerações sobre a Modernidade Religiosa. **Sociedade y Religión**, n. 14/15, noviembre, 1996, p. 61-70

RECUERO, Raquel da Cunha. Webrings: As Redes de Sociabilidade e os Weblogs. **Sessões do imaginário**, Porto Alegre, v. 11, p. 19-27, 2003.

ROSALDO, M. Toward an Anthropology of Self and Feeling. In: SEWEDER, R.; LEVINE, R. (Org.). **Culture Theory**. Essays on Mind, Self and Emotion. Cambridge University Press, p. 137-157, 1984.

SANCHIS, Pierre. As tramas sincréticas da história. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 28, 123-138, 1995.

SILVEIRA, Emerson J. Sena da. **Catolicismo, Mídia e Consumo**: experiências e reflexões. São Paulo: Fonte Editorial, 2014, 2009.

_____. O evangelho dos produtos Canção Nova: salvação, consumo e mídia eletrônica. **Estudos Teológicos** (Online), São Leopoldo, v. 56, p. 420-434, 2016.

SOFIATI, Flávio M. **Religião e juventude**. Os novos carismáticos. Aparecida: Ideias & Letras, 2012.

STEIL, Carlos A. Renovação Carismática Católica: porta de entrada ou de saída do Catolicismo? Uma etnografia do Grupo São José em Porto Alegre (RS). **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, vol. 24, nº 1, p. 11-36, 2004

TAMBIAH, Stanley. Form and meaning of magical acts. **Culture, Thought and Social Action**, Harvard University Press, p. 60-86, 1985.

Sobre o autor

Emerson José Sena da Silveira

Antropólogo. Doutor em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professor Adjunto IV do Departamento de Ciência da Religião (DCRE - UFJF). Participa do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião (PPCIR- UFJF). É integrante da proposta do mestrado em turismo na UFJF. Realizou dois estágios pós-doutorais com projetos nas áreas de antropologia (2008) e ciências da religião (2016), com bolsa pelo CNPq e pela CAPES. Entre 2012 e 2015 foi coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião (UFJF). Participou de atividades de assessoria na Câmara de Pós-Graduação (área de Ciências Humanas) e no Comitê Assessor ao Conselho de Pós-Graduação e Pesquisa, órgãos da UFJF. Presta assessoria ad-hoc para organismos pastorais e educacionais na área de Ciências da Religião e Teologia. Publicou e organizou livros, capítulos de livros e artigos na área de Religião, Cultura e Sociedade (espaço público, gênero, internet, metodologia das ciências da religião, turismo religioso). É participante do corpo editorial e do corpo de pareceristas de revistas acadêmicas na área de Ciências da Religião, Ciências Sociais e Turismo. Em 2016 atuou como bolsista-pesquisador junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade do Estado do Pará (UEPA) pelo Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD-CAPES). Também em 2016 foi professor visitante na Universidade da Beira Interior, Portugal. Atua em três linhas de pesquisa: 1) Católicos e evangélicos: estilos de vida, tradições e espaço público; 2) Cosmologias religiosas e terapias complementares e/ou integrativas e 3) Turismo religioso, subjetividade e espiritualidade contemporânea.

Artigo Recebido em Outubro de 2017.
Artigo aceito para publicação em Dezembro de 2017.